

Um Vulcão Muda Tudo!

Em Cores Vivas—Parte 11

Textos Selecionados

Introdução

Com base em nossas pesquisas e estudos juntos, descobrimos que existem muitos elementos em nosso planeta que não somente fazem dele um lugar bonito para se morar—em cores vivas—, mas elementos que são também essenciais à vida. Sem esses elementos, seria impossível haver vida na Terra.

Oxigênio, nitrogênio, carbono, fósforo, enxofre, alimento, água, o sol—à distância perfeita e com temperatura adequada—e uma lua particular que orbita à velocidade e distância certas, criando correntes, marés, gravitação e a quantidade perfeita de pressão. A fim de que a Terra conseguisse sustentar vida, todos esses tiveram que estar exatamente na hora certa em seu devido lugar e ordem.

Conforme destacamos em nosso encontro anterior, o profeta Isaías registrou Deus falando que criou a terra para ser habitada, diferente de outros planetas e corpos inabitáveis do universo (Isaías 45.18). Matematicamente falando, a chance de todos os elementos necessários à vida existirem na hora certa, quantidade certa e grau certo é basicamente zero—praticamente impossível.

Em nosso último encontro, faltou tempo para lidarmos mais profundamente com a questão: “Se Deus criou todas as coisas com a palavra da sua boca sem usar evolução e o universo tem menos de dez mil anos de existência, então por que a Terra tem uma aparência de velha?”

Essa é uma pergunta válida. Começamos dizendo que a Terra é velha apenas se concordamos com o modelo evolucionista do uniformitarismo. O uniformitarismo ensina que o que vemos ocorrendo ao nosso redor hoje tem permanecido desse jeito desde o princípio da Terra, algo que, segundo os evolucionistas, aconteceu 4,5 bilhões de anos atrás. Tipo, se o gotejar contínuo de água demora mil anos para perfurar uma placa de granito, então o rio Colorado deve ter levado seis milhões de anos para escavar o Grand Canyon. Com a ajuda ocasional de enchentes locais e a erosão das rochas e sedimentos causada pelas águas do rio, o rio Colorado precisou de seis milhões de anos para esculpir aquela belíssima paisagem. Essa é a estimativa comum dos geólogos.

Isso, todavia, pressupõe o ritmo constante de erosão que pode ser calculado sob circunstâncias normais. Mas e se algo fora do normal e inesperado aconteceu?

No estudo anterior, vimos que a Terra passou por algo inédito, algo que Deus prometeu que jamais aconteceria novamente. Trata-se do dilúvio universal. Destacamos que, se esse dilúvio foi só uma enchente local, então Jesus estava mal informado, já que ele falou que o dilúvio arrasou a humanidade inteira (Lucas 17.27). Não somente Jesus estava mal informado, mas Deus mentiu para Noé porque ele prometeu que aquele desastre jamais ocorreria novamente (Gênesis 9.11). Todos os anos, testemunhamos enchentes regionais e locais em diferentes partes do mundo.

Convido você a voltar comigo ao registro de Gênesis 7, onde lemos que algo que normalmente não acontece de fato aconteceu. Algo novo ocorreu que jamais tinha ocorrido. Lemos em Gênesis 7.11, 18–19, 23:

No ano seiscentos da vida de Noé, aos dezessete dias do segundo mês, nesse dia romperam-se todas as fontes do grande abismo, e as comportas dos céus se abriram... Predominaram as águas e cresceram sobremodo na terra; a arca, porém, vogava sobre as águas. Prevaleceram as águas excessivamente sobre a terra e cobriram todos os altos montes que havia debaixo do céu... Assim, foram exterminados todos os seres que havia sobre a face da terra; o homem e o animal, os répteis e as aves dos céus foram extintos da terra; ficou somente Noé e os que com ele estavam na arca.

Romperam-se todas as fontes do grande abismo—em outras palavras, grandes erupções vulcânicas e canais de água debaixo do solo e dos oceanos explodiram com erupções sísmicas e poder destrutivo inimaginável. Enquanto isso, chovia torrencialmente.

Não conseguimos imaginar a comoção na superfície da Terra causada por enchente e erosão,

tsunamis resultantes de movimentos tectônicos que enviaram paredes de água pelos continentes. Conforme os continentes foram sendo movimentados, sua superfície amontoou-se em determinados lados. Cordilheiras de montanhas foram criadas. O resultado foi uma topografia bastante diferente daquela que existia na época de Noé, quando havia montes não muito altos.

A propósito, é interessante que o Monte Ararate, sobre o qual a arca encalhou, é composto de lava, assim como muitas outras cadeias de montanhas do lado noroeste do Pacífico. Elas são chamadas de montanhas vulcânicas, isto é, montanhas que se originaram a partir de múltiplas erupções vulcânicas. Lava da crosta terrestre subiu com tremenda violência sob a ordem de Deus. Isso explica por que existem fósseis marinhos no topo de dessas montanhas vulcânicas. Até mesmo próximo ao pico do Monte Everest foram encontrados fósseis marinhos. A 29 mil pés acima do nível do mar, na montanha mais alta da Terra—como peixes findaram lá em cima?¹

Até mesmo defensores do evolucionismo têm aberto mais espaço para a teoria do catastrofismo—alguma catástrofe ocorreu em tempos remotos que transformou a topografia da Terra e depositou milhões de fósseis animais e sedimentos ao redor do globo. A Geologia está, finalmente, entendendo Gênesis.

Não é incomum ver cientistas, geólogos e evolucionistas descrentes explicando descobertas recentes como resultantes de um evento cataclísmico. Lembro de algo que aconteceu quando nossos filhos estavam ainda na segunda série. Numa tarde, um professor de uma universidade da região levou alguns fósseis e até ossos de dinossauros para ensinar às crianças que o mundo tinha milhões de anos. Decidi ir para essa palestra, mas sem meus filhos saberem—não queria

deixá-los nervosos, queria apenas conversar com eles após aquela apresentação do evolucionismo. Eu fiquei lá no fundo do auditório. Quando chegou ao final de sua apresentação, o professor disse que o desaparecimento dos dinossauros continuava sendo um mistério, mas que era possível que algum tipo de desastre tivesse acontecido no planeta. Para o meu espanto, um de meus filhos ergueu a mão. Pensei: “Vixe... será que ele está acreditando nessa conversa? Será que está migrando para as trevas? O que ele vai dizer na frente de todos os colegas?” O professor lhe deu a palavra e meu filho disse: “Eu sei que desastre foi esse. Foi o Dilúvio.” Depois disso, ele se tornou meu filho predileto. O cientista respondeu: “É, pode ter sido. Algumas pessoas hoje têm considerado essa possibilidade.”

A Bíblia afirma que essa catástrofe, que normalmente não acontece, aconteceu. A Terra foi impactada grandemente e sua forma transformada—surgiram montanhas e vales, bacias hidrográficas, cânions e muitas outras características que nos dão a impressão de que o planeta é muito mais velho do que realmente é.

Mas existem várias outras perguntas bastante intrigantes. Eu me deparei com muitas; não temos tempo de lidar com todas elas agora. Mas o que dizer do carvão, que leva 300 milhões de anos para ser formado? E o que dizer dessas camadas sedimentais que levam milhões de anos para serem depositadas uma sobre a outra e que podemos ver nas paredes do Grand Canyon? Onde está a evidência de que essas coisas podem acontecer num curto espaço de tempo?

É como se Deus, mais uma vez, respondesse à nossa geração de forma especial. Essa resposta veio na forma de um evento considerado o maior acontecimento geológico dos últimos 100 anos. Um autor escreve que essa foi a maior catástrofe na história dos Estados Unidos.² Esse evento se tornou

nada mais que um laboratório para se estudar os resultados de uma erupção monstruosa e enchente local. As evidências deixadas são impressionantes.

Estou me referindo à erupção vulcânica do Monte Santa Helena, no estado de Washington, Estados Unidos, que aconteceu em 1980. A comunidade científica, motivada primariamente pelo evolucionismo e uniformitarismo, fez observações e descobertas maravilhosas, porém nunca fez a conexão entre a evidência diante dos seus olhos e aquela de um dilúvio universal ocorrido numa Terra jovem.

Enquanto pesquisava sobre o evento, foi impossível não me lembrar da descrição que o apóstolo Paulo fornece da inteligência de nosso mundo: *aprendem sempre e jamais podem chegar ao conhecimento da verdade* (2 Timóteo 3.7).

Permita-me apresentar a você algo diretamente do roteiro de Gênesis 7, mas que ocorreu poucas décadas atrás. No processo, vamos fazer algumas conexões importantes.

No dia 18 de maio de 1980, o belo cenário do Monte Santa Helena no estado de Washington foi alterado de forma dramática. O Monte Santa Helena entrou em erupção; o topo e lado do monte explodiram com uma violência equivalente à explosão de várias bombas nucleares.

O barulho da explosão viajou a uma velocidade de mais de 1000 km/h, destruindo quase 600 km² de florestas ao seu redor. Se você consegue imaginar isso, a explosão derrubou um bilhão de metros de madeira em menos de 10 minutos. Uma reportagem contou que árvores de 60 metros de altura foram despedaçadas como se fossem palitos de dente.³ A madeira que a explosão derrubou seria suficiente para construir 600 mil casas.

Quando pedaços do Monte Santa Helena foram arremessados ao ar e caíram dentro de um lago vizinho, essas rochas produziram ondas de 240 metros de altura. O lago transbordou e a água inundou as florestas ao seu redor. Quando a água começou a escoar novamente para o lago, ela arrastou consigo cerca de 4 milhões de árvores, criando um tapete de árvores enorme.

Um dos resultados mais chocantes foi descoberto somente cinco anos depois, em 1985, onde toda a madeira havia se misturado com sedimento vulcânico.

Até então, a perspectiva predominante—criada pela cosmovisão do evolucionismo e do uniformitarismo que observa as coisas conforme são normalmente—era a de que o carvão que minamos hoje levou 300 milhões de anos para ser formado.

Mas aqui, dentro do lago, a madeira que havia submergido—e em determinados pontos acumulado em camadas de 90 metros de espessura—interagiu com a lava e as rochas vulcânicas. Após pressão e calor, adivinha o que encontraram? Ali mesmo naquele lago, os cientistas se depararam com carvão. A crença geológica prevalente era a de que 3 centímetros de carvão levavam mil anos para se formar. Mas ali no lago, dentro de cinco anos, eles encontraram não 3 centímetros ou 1 centímetro, mas quase 1 metro de carvão em formação.

Então, vamos fazer algumas conexões importantes. Imagine o impacto de um dilúvio global sobre a vegetação da Terra. Imagine as erupções vulcânicas violentas ao redor do globo. Todas as florestas se misturaram imediatamente com lava, sedimento e água e foram expostas a tremendo calor e pressão. As camadas de carvão que temos hoje podem facilmente ter sido formadas

poucos milhares de anos atrás nessa catástrofe universal.

Antes de eu destacar mais alguns pontos, deixe-me chamar sua atenção para uma descoberta que não fez parte de noticiários, documentários ou livros didáticos.

Em junho de 1992, uma amostra grande de rocha vulcânica foi tomada do Monte Santa Helena e datada utilizando-se o método de datação padrão por carbono 14. As amostras foram criadas na erupção que havia ocorrido cerca de dez anos antes. Contudo, segundo esse método de datação, as rochas tinham 350 mil anos. Um relatório admitiu também que os minerais embutidos nas rochas haviam sido datados de 2,8 milhões de anos.⁴

Os geólogos ficaram boquiabertos. Alguns foram longe o suficiente e disseram publicamente que o Darwinismo e uniformitarismo atrapalham estudos da Geologia.

Hoje, o Monte Santa Helena está sem pico. Sedimentos e cinzas foram lançados a mais de 25 km de altura, fechando aeroportos e impactando onze estados vizinhos. A topografia foi alterada completamente e novas características criadas. Se não soubéssemos da catástrofe, facilmente concluiríamos que demorou milhões de anos para formar os cânions, valas e lagos ao redor do Santa Helena.

Mas se a erupção do Santa Helena em 1980 não foi suficiente para impactar as crenças religiosas do Darwinismo e uniformitarismo, Deus em sua paciência e graça permitiu que o Santa Helena explodisse novamente em 1982. E essa erupção recebeu ainda menos atenção para se fazer conexões importantes com a catástrofe de Gênesis.

Um autor escreveu que a água e o entulho dessa erupção criaram um fluxo enorme de gelo, lava e

rocha. Esse foi o maior entulho já observado na história humana. Isto é, a não ser que Noé tenha olhado pela janela da arca. Nesse caso, ele viu o primeiro e o maior. Mas em 1982, essa mistura pesada:

- se descolocou inicialmente a uma velocidade de 65 km/h;
- alterou a topografia de uma área de mais de 60 km²;
- esculpiu cânions com planaltos elevados;
- cortou rochas matriz localizadas a mais de 180 metros no subsolo;
- e criou uma réplica 40 vezes menor do que o Grand Canyon.

Agora, veja bem: segundo o modelo de tempo determinado pelo evolucionismo, o rio Colorado levou 6 milhões de anos para esculpir o famoso Grand Canyon nos Estados Unidos—6 milhões de anos. Agora, dentro de poucos meses, os resultados de uma avalanche enorme criam algo 40 vezes menor do que o Grand Canyon. Se você já fez as contas, então descobriu que essa réplica 40 vezes menor deveria ter sido criada no decorrer de 150 mil anos. Mas hoje você pode pegar seu carro e passear ao seu lado.

- Paredes de granito de cânions deveriam demorar 6 milhões de anos para serem esculpidas por água—geólogos observaram paredes de granito de cânions, a 60 metros de profundidade, sendo esculpidas em um dia.
- Carvão deveria demorar 300 milhões de anos para se formar—carvão começou a se formar dentro de 5 anos no lago ao lado do Santa Helena.

Em um dos cânions formados pela segunda erupção do Santa Helena, existe um homem vestindo um casaco vermelho, de pé à base de uma das paredes do cânion. E essa parede em particular mostra as várias camadas sedimentares, depositadas perfeitamente e simetricamente em questão de horas. Um dos artigos que li falava que geólogos ficaram admirados que sedimentos foram separados em camadas distintas de 180 metros de espessura, apesar de a avalanche catastrófica se movimentar à velocidade de um carro numa autoestrada.⁵

A filosofia darwinista há anos tem publicado nos livros-textos de ciência que existe um intervalo de um milhão de anos entre cada camada sedimentar observada nos cânions e rochas. Entretanto, essas camadas sedimentares foram formadas em questão de horas enquanto se deslocavam a mais de 65 km/h. Isso deveria modificar os livros didáticos. Um vulcão deveria ter mudado tudo!

Então:

- Será que houve um reavivamento enorme, especialmente na região do Monte Santa Helena?
- Será que os cientistas modificaram os padrões de medida geológica?
- Será que a comunidade científica e ministério de educação reconheceram a possibilidade de o Grand Canyon ter se formado dentro de um ano à luz daquilo que se formou dentro de um mês com a erupção do Santa Helena?

Não.

Ontem mesmo fiz uma pesquisa rápida na internet. Digitei no Google: “Quanto tempo demorou para o Grand Canyon se formar?” A primeira resposta, dada ao lado de uma bela foto do

Grand Canyon e escrita em negrito, foi: “6 milhões de anos.” Também digitei: “Quanto tempo demora para carvão se formar?” A resposta continua sendo: “300 milhões de anos.”

A grande pergunta é: “Por quê?” E a resposta é simples. Paulo a escreveu dois mil anos atrás: os incrédulos *aprendem sempre e jamais podem chegar ao conhecimento da verdade* (2 Timóteo 3.7). E daí que surgiram novas descobertas? E daí que novas observações científicas foram feitas? E definitivamente, e daí que Deus tem dado mais e mais alertas?

Conclusão

Em meus estudos, deparei-me com um artigo sobre um homem que há 15 anos administrava uma pousada que ficava a menos de 2 km do Monte Santa Helena. Esse indivíduo se tornou um herói folclórico depois que recusou evacuar a área. O Santa Helena deu todos os sinais de uma erupção iminente e o governo deu várias advertências com tempo suficiente para a população evacuar. Basicamente todos os moradores saíram da área antes das 08h32min do dia 18 de maio de 1980.

Mas esse senhor já havia se tornado um mito por sua coragem. Lá estava ele sentado em sua varanda. Se houvesse redes sociais na época, ele teria viralizado depois de dizer: “O Santa Helena está a mais de 1km e meio daqui. Ele não vai me atingir!” Dentro de 10 minutos após a erupção, ele e sua pousada tinham sido soterrados a mais de 45 metros de profundidade debaixo de destroços e rochas.

Deus soou seu alerta através de Noé de que um julgamento por água estava chegando, e o planeta praticamente explodiu. Noé advertiu seu mundo por 120 anos. Semelhantemente, Deus soou seu sinal de alerta por meio do apóstolo Pedro, advertindo quanto a um julgamento vindouro por fogo. Esse

alerta já tem durado cerca de dois mil anos. Ouça só o alerta de Deus gravado por Pedro:

tendo em conta, antes de tudo, que, nos últimos dias, virão escarnecedores com os seus escárnios, andando segundo as próprias paixões e dizendo: Onde está a promessa da sua vinda? Porque, desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação. Porque, deliberadamente, esquecem que, de longo tempo, houve céus bem como terra, a qual surgiu da água e através da água pela palavra de Deus, pela qual veio a perecer o mundo daquele tempo, afogado em água (2 Pedro 3.3–6).

O que esses incrédulos estão fazendo? Simplesmente declarando sua fé no uniformitarismo—“cremos que as coisas continuarão do jeito que sempre estiveram desde o princípio.” Ou seja, tudo quanto aconteceu é o que sempre continuará acontecendo, e nada que geralmente não ocorre acontecerá.

Pedro usa o exemplo do dilúvio de Noé para desafiar essa perspectiva. Veja só o que ele escreve:

Ora, os céus que agora existem e a terra, pela mesma palavra, têm sido entesourados para fogo, estando reservados para o Dia do Juízo e destruição dos homens ímpios... esperando e apressando a vinda do Dia de Deus, por causa do qual os céus, incendiados, serão desfeitos, e os elementos abrasados se derreterão (2 Pedro 3.7, 12).

O próximo julgamento em escala global não será por água, mas por fogo. Veja bem: encorajo você a simplesmente aceitar o que Deus claramente diz. O primeiro mundo pereceu em julgamento, e o segundo mundo perecerá também.

O único lugar seguro nos dias de Noé foi dentro da arca, mas ninguém, além de sua família imediata, aceitou seu convite de embarcar na arca. O dia virá quando Deus destruirá o universo e o planeta Terra e criará um novo céu e uma nova terra, eternos. Aqueles que tiverem se refugiado em Jesus Cristo chegarão seguros no lar celestial. Emergiremos daquele julgamento universal para habitar numa

terra recém-criada, eterna, juntamente com um universo novo. Desfrutaremos de tudo em cores vivas como nunca antes foi possível a nós. E tudo por causa de nosso refúgio—o Deus criador, Jesus Cristo. Você já se refugiou nele?

Este manuscrito pertence a Stephen Davey, pregado no dia 16/12/2018

© Copyright 2018 Stephen Davey

Todos os direitos reservados

¹ Observações e comentários adaptados de John Whitcomb, *The Geology Book* (Master Books, 2006), 22–65.

² Citações retiradas de Rob Carson, *Mount St. Helens* (Sasquatch Books, 2015), “Introduction.”

³ Andrew A. Snelling, “Vertical Floaters,” answersingenesis.org.

⁴ Adaptado de Andrew A. Snelling, “New Lava Dome with Old Radiometric Dates and John Morris,” em *The Geology Book*, 52.

⁵ Adaptado de Andrew A. Snelling, “Thirtieth Anniversary of a Geological Catastrophe” (answersingenesis.org).